



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**DE ANJO A DEMÔNIO: A TRANSMUTAÇÃO DE LÚCIFER A DIABO
NO IMAGINÁRIO CRISTÃO**

Arthur Narciso Bulcão da Silva*

No imaginário popular dos últimos séculos e até mesmo nos dias atuais, podemos definir a imagem do Diabo com chifres, rabo pontudo, corpo e face animalesca. Contudo, isso é de fato verdade ou é fruto de uma manipulação institucional da imagem do adversário de Deus? Sendo como for, atualmente temos uma imagem sinistra e medonha de Lúcifer que sempre nos remete ao medo e temor das imagens e símbolos que o representam. A historiografia tradicional religiosa está cheia de fontes que explicitam a origem angelical de Lúcifer e como ele teve papel fundamental na queda do homem perante Deus. Mas segundo a tradição histórica sua maior vítima tem sido as mulheres, pois teoricamente elas sempre estarão fadadas a ter a “serpente” em seus calcanhares como herança do feito de Eva, a companheira de Adão.

Este trabalho tem por propósito estudar de forma objetiva a visão da transmutação física do anjo de luz em um demônio sombrio, baseando nossa pesquisa em uma historiografia religiosa e não religiosa, tentando encontrar uma origem histórica para a face atual do Diabo.

A importância desse estudo se dá no âmbito de trazer à tona ao conhecimento do público como o medo pode ser uma arma poderosa no controle ideológico religioso,

* Professor de História da SEDUC - Amazonas, Formado em História pelo UniNorte, Mestrando da Universidade Federal do Amazonas – UFAM: Cultura e Representação.

trazendo na imagem física e assustadora a personificação do mal encarnado em um mostro real, no sentido em que ele realmente podia andar entre as pessoas e prejudicar os que não seguissem as regras da instituição religiosa a qual seguiam. No caso cristão em particular, por ser uma religião monoteísta onde apenas um deus merece adoração e não cabe lugar para competição, a adoração a outros deuses não é aceita, como é o caso da cultura indígena, onde há várias entidades responsáveis por cada parte de suas vidas dentro das tribos tendo a mesma importância entidades boas e más.

A TRADIÇÃO

“No inicio criou Deus, os céus e a Terra.”

(Gênesis 1:1).

No mundo ocidental, quase todos nós somos ensinados e catequizados desde pequenos na tradição cristã que determina que “Jahveh” é o único Deus forte e poderoso e não há outro além dele. E seu adversário é e sempre será “Lúcifer”, o anjo caído, que hoje é conhecido como Diabo, Satanás, Capiroto, Coisa ruim, Cramunhão e por outros nomes populares.

Na tradição cristã, temos em Deus um ser supremo e incomparável, também conhecido como *Jahveh* o Deus que costumava ser a única entidade de um povo chamado de Hebreus (primeiramente politeístas, mas que depois passaram a adorar apenas uma entidade), que mais tarde viria a ser o Deus de todos os povos cristão, representado pela figura de seu filho, *Jesus*, o messias, que viria à Terra para morrer e livrar a humanidade de todos os pecados e iniquidades, assim conta a tradição.

Tal tradição religiosa que cria um Deus que nunca se viu, mas que segundo os relatos bíblicos é semelhante a um humano fisicamente, pois tais textos relatam que “somos (a humanidade) feitos à sua imagem e semelhança (de Jahveh)”, o que se constata na imagem de Jesus, o filho de Deus. Então entendemos que somos feitos tal e qual a imagem de Deus, tendo então uma suposta definição física para Jahveh.¹

História Cultural

¹ BÍBLIA, Português. A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Revisada e Atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969

Este Deus se encarrega de afirmar que não há outro deus maior que ele (o que não nega a existência de outros deuses, mas afirma que “ele” é o maior e mais poderoso entre todos), como visto na passagem: “Agora conheci que o Senhor (Jahveh) é grande entre todos os deuses” (Êxodo 18:11).² Sendo este um deus tribal, ou seja, exclusivo de um povo específico, há de se imaginar que os outros povos existentes adoravam deuses diferentes e com tradições diferentes. Isso tornava os outros deuses inimigos por definição das crenças no Deus Jahveh. Porém, “ele” (Jahveh) dentro de sua própria mitologia já possuía um adversário definido, denominado Lúcifer.

Mas como este inimigo é fisicamente? O que ele representa no mundo cristão? Ele é real?

Essas e outras perguntas permeiam o mundo cristão ocidental e enchem o imaginário da cultura cristã. No entanto, achar uma resposta que satisfaça a todos é praticamente impossível, mas dentro deste trabalho não estamos dispostos a achar verdades absolutas, mas sim chegar a um ponto que seja satisfatório para o entendimento de como funciona ou funcionou a criação deste adversário do Deus Cristão, pois um herói para se tornar um herói, tem que vencer um inimigo.

A CONSTRUÇÃO DA NOVA FACE DO ANTIGO MAL

A partir do pecado original de Adão e Eva, o mal estava estabelecido na Terra. Segundo a tradição cristã, este mal desencadeado pela desobediência do homem perante as leis de Deus estava intimamente ligado a uma entidade responsável por essa queda, Lúcifer, transmutado neste momento em um disfarce de serpente, onde por meio da oratória teria ludibriado Eva a cometer e influenciar seu marido Adão ao pecado da desobediência.

Sabemos por textos bíblicos que o primeiro casal tenta se justificar com Deus, pondo a culpa na serpente (Lúcifer) por seu delito. Temos então o início de todo o mal e culpa do anjo caído na tradição cristã.³ Assim que se estabeleceu o início das obras maléficas do anjo caído na Terra, começaria então, a partir da saída do primeiro casal do Jardim do Edén, a verdadeira batalha pelas almas da humanidade. Durante todo o período

² NOGUEIRA, Carlos Roberto F. O Diabo no imaginário cristão. 2ª Ed. Bauru: EDUSC, 2002.

³ BÍBLIA, Português. A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Revisada e Atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969

do mundo antigo, Lúcifer permaneceu sem uma imagem física, ele estaria limitado apenas no campo das ideias. Para os povos não cristãos ele aparentemente não representava perigo significativo para a sociedade. Contudo a necessidade da Igreja em alcançar a todos os povos com a fé cristã foi um dos fatores pelo qual Lúcifer entraria em cena e adquiriria uma imagem física e grotesca. Isso ocorreria concomitantemente com o crescimento e o fortalecimento da Igreja Católica durante a Idade Média, onde Lúcifer torna-se uma figura mais popular e significativa com o intuito de se tornar de fato o “Mal” que assolaria a todos os que não seguissem a fé Cristã, passando a ser uma preocupação no dia a dia dos povos, principalmente os das cidades, pois os moradores do campo ainda não estavam familiarizados com o novo conceito de “Religião Cristã” nem tão pouco estavam interessados em se tornarem seguidores. Este contexto agora mencionado é um contexto europeu dos primeiros séculos do cristianismo.⁴

Durante os primeiros séculos da era cristã, os padres já estabeleciam uma forma de resolver o paradigma da origem da batalha celestial com a queda de Lúcifer e onde o homem estava inserido nesta guerra. Como nos diz o historiador Carlos Nogueira:

Essa concepção da queda do Anjo Rebelde e do homem foi retomada pelos Padres da Igreja durante os séculos II e III e formalizada pela Igreja grega; um pouco mais tarde, Jerônimo (340-420) e Agostinho de Hippona (354-430) implantaram a mesma idéia na Igreja latina. Desse modo, no fim do século IV, tanto no Oriente como no Ocidente, os cristãos concordavam em que a queda do homem não foi mais que um episódio na história de um prodigioso combate cósmico, iniciado antes da Criação, quando uma parte das falanges celestiais havia revoltado contra Deus, sendo então precipitada dos céus⁵

A Igreja em ascensão lutava contra as religiões e deuses pagãos que ainda eram maioria no mundo antigo. Algo então precisava ser feito para combater essas práticas e para o convencimento dos que ainda não haviam se convertido. Para isso, nada melhor do que usar o mecanismo mais eficiente do mundo: o “medo”. Esse medo manipulado pela Igreja Católica mostrou-se muito eficiente com o passar do tempo, mas como foi exercida essa manipulação?⁶

⁴ BÍBLIA, Português. A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Revisada e Atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969

⁵ NOGUEIRA, Carlos Roberto F. O Diabo no imaginário cristão. 2ª Ed. Bauru: EDUSC, 2002.

⁶ FERRAZ. Salma, Os marginais na bíblia: Lúcifer e Madalena. Revista Estação Literária. Londrina, Volume 12, p. 143-164, jan. 2014

Até o século VI, Lúcifer era representado na forma clássica de anjo caído apenas com um sorriso sarcástico no rosto, mas não amedrontador. Alguns dos mecanismos utilizados para a propagação do terror do diabo foi a própria literatura e a iconografia. Através de escritores e desenhistas, o mal vai sendo popularizado, difundido em imagens e textos produzidos pelos próprios representantes da Igreja Cristã. A ironia está no fato de que a própria Igreja se utiliza do adversário de Deus para atrair o rebanho do senhor para as Igrejas. Seus esforços intensos neste projeto renderam frutos, pois o homem medieval estava intimamente ligado às práticas religiosas diversas, e suas crenças em um Diabo que pode se transformar em qualquer coisa são reais, pois de fato há a crença da presença do Diabo entre os humanos para lhes aflingir moléstias. Outra forma de estabelecer essa idéia foi se utilizando das causas naturais. Atribuía-se os desastres naturais que acarrentavam em enchentes ou destruição das colheitas, por exemplo, na conta do Diabo, fortalecendo assim a crença no sobrenatural entre o povo.⁷⁸

O Diabo não é meramente uma criação literária. Ele é real, faz parte da realidade da civilização ocidental. Talvez o motivo de o Diabo despertar nosso interesse resida no fato do Diabo definir Deus tão seguramente quanto Deus o define. Graças a Deus pelo Diabo.⁸

Uma vez que a própria Igreja Católica o coloca como figura e adversário real de Deus, se torna verdade entre todos, e esta verdade é muito mais importante do que a crença no próprio Deus Jahveh. O Diabo é, pois, a imagem mais eficaz encontrada pelo cristianismo para legitimar a presença do Deus e conceituar todas as demais formas de expressão cultural e religiosas divergentes.⁹ Uma vez que acreditar na existência do Diabo e do seu poder é a única maneira de ter fiéis verdadeiramente arrependidos e sinceros dentro da cristandade, Martins diz que:

A existência do Diabo nunca foi negada por nenhum Papa, nenhum Concílio, nem nunca foi posta em dúvida por nenhum heresiarca. Sem

⁷ CARVALHO, Leniran Rocha, O Diabo: Artificio do bem na luta contra o mal. ANAIS do III Encontro Estadual de História: Poder, Cultura e Diversidade – ST 06 – Poder, cultura e diversidade na Antiguidade e no Medievo.

⁸ LINK, Luther. O Diabo: A máscara sem rosto. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁹ CARVALHO, Leniran Rocha, O Diabo: Artificio do bem na luta contra o mal. ANAIS do III Encontro Estadual de História: Poder, Cultura e Diversidade – ST 06 – Poder, cultura e diversidade na Antiguidade e no Medievo.

dúvida alguma é uma verdade de Fide Divina et Catholica pelo Magistério Ordinário da Igreja. Logo é um dogma de fé.¹⁰

Determinada e estabelecida a existência de Lúcifer, era então preciso mudar a sua forma física, outrora não muito ameaçadora. Sua transmutação seria o ponto alto e principal para o sucesso da campanha, uma vez que a literatura proposta sobre o tema seria um mecanismo limitado, pois grande parte do povo era analfabeto e não poderia ter acesso a esta literatura. Portanto a imagem iconográfica foi o grande braço que propagou a imagem macabra do Diabo. A bíblia apresenta várias formas físicas para Lúcifer, desde o antigo até o novo testamento. Algumas dessas formas são humanas e outras animalescas, contudo todas mostram Lúcifer de forma a desafiar a Deus e seus anjos:

E houve batalha no céu; Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhavam o dragão e os seus anjos: Mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se achou nos céus. E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele.

(Apocalipse 12:7-9)

A Igreja Católica medieval desenvolveu uma pedagogia do medo que tinha como um de seus principais elementos constitutivos a crença no poder maléfico do Diabo. As imagens estruturavam-se nas representações textuais e iconográficas da Idade Média e servem de justificativa para a afirmação de um código moral restritivo dos pensamentos e ações dos homens e mulheres da época. Sendo assim, o Diabo, seus anjos caídos e seu sub-reino das trevas foram retratados de forma horrenda e muito pesadas para causar um impacto visual onde quem as contemplasse fosse tomado por medo e agonia do que poderia estar esperando por eles após a morte caso não fossem fiéis à Deus e à Igreja.

Um dos primeiros a fazer um relato com riqueza de detalhes para maior imaginação sobre esse submundo foi Dante Alighieri em a “Divina Comédia”, onde descreve os males do inferno e os tormentos de quem já esteve lá. O Diabo como concebemos hoje, com rabo e chifres, pode ter sido uma concepção retirada dos antigos textos apocalípticos, onde descrevem Lúcifer como a “Grande Besta” ou “Dragão de sete cabeças”, mas também pode ser que os artistas da época possam ter sofrido alguma

¹⁰ MARTINS TERRA, J. E. Existe o Diabo? Respondem os Teólogos. São Paulo: Loyola, 197

influência da Igreja, dando assim uma semelhança e uma familiaridade com as outras entidades maléficas pagãs, fortalecendo assim a afirmativa de que apenas o Deus cristão era o único a ser seguido.

Baseado nos textos lidos até aqui neste trabalho pode-se perceber que a transmutação de Lúcifer pode ter se dado de forma gradual conforme as obras são concluídas e a idéia difundida em sermões nas Igrejas e templos. A arte foi o método escolhido por ter a capacidade de se projetar no imaginário por meio de imagens, pela falta de uma população letrada que pudesse ler e compreender a bíblia. Assim a arte se tornou o meio de divulgação dos poderes do Maligno, contribuindo também para o imaginário popular sobre os terríveis perigos de uma vida que não fosse a dos ensinamentos da Igreja católica e de seu código moral:¹¹

O poder real teve então necessidade do Diabo para aterrorizar os seus inimigos e justificar suas cobranças, e o Papa ofereceu-lhe então suas bulas para o satisfazer. O nível elevado onde se tomam as decisões, o Diabo é uma ficção de propaganda que não serve senão para justificar os desígnios tenebrosos ou francamente crápulas dos príncipes. Se alguma vez reis ou papa tivessem acreditado verdadeiramente no Diabo, ele teria, para começar, ficado assustado pela sua própria infâmia. O Diabo era um espantalho para uso da plebe e, paradoxo amargo, a ficção deste Príncipe do Mundo servia, com efeito, para conquistar o mundo. Como na Mesopotâmia e no Irã, a religião era um instrumento do poder político. O Papado, há que recordá-lo, era então também um poder temporal. Ora, este poder é exercido tanto mais facilmente quando o povo é mantido num estado de ignorância, logo, de superstição é de irracionalidade.¹²

Podemos ver agora o objetivo da pedagogia do medo criando forma física, uma vez que todos os maus estavam ligados a Lúcifer. Estabelece-se uma mudança em suas características físicas para mudar as características da mentalidade comum, uma figura manipulável para os dirigentes da cristandade, e uma forma de controle e submissão de seus fiéis.

Lúcifer, antes dos artistas o retratarem, era considerado quase que inofensivo, e sem nada que oferecesse oposição ao Deus pregado. As práticas religiosas eram relapsas

¹¹ ALMEIDA, Marcos Renato Holtz de. A pedagogia do medo: as diversas faces do mal no cristianismo: Universidade Presbiteriana Mackenzie |CCSA – Centro de Ciências Sociais Aplicadas (Unesp/Araraquara-SP). 2008.

¹² MESSADIÉ, G. História geral do Diabo. Mira-Sintra: Publicações Europa-América, 2001.

e relaxadas para os fiéis e muito mais para os novos convertidos.¹³ Buscou-se desta forma, em teologias antigas, uma forma de dar uma razão para o medo do Diabo e uma de ligar ele a deuses mais antigos:

A função e o papel do Diabo na arte, bem como os nomes do Diabo, provêm da teologia do século V. Seu rosto e forma originaram-se de fontes helenísticas (inclusive os deuses osirianos adotados) e do drama litúrgico. Em um certo sentido, o que vem a seguir é como o Diabo fez sua aparição. As primeiras pinturas cristãs encontram-se nas catacumbas de Roma, mas nelas não há Diabo. Os estudiosos desdobram-se em esforços para descobrir por que inexistem representações do Diabo anteriores ao século VI. (...) A razão disso, a meu ver, é dupla: confusão acerca do Diabo e um vazio, a falta de algum modelo pictórico passível de ser usado durante o período em que formas de arte e motivos especificadamente cristãos emergiram e se distinguiram das influências clássicas.¹⁴

É possível que Deus seja representado de duas maneiras. Na primeira, ele é apenas uma serpente engajada em promover tentações ao homem e promover a sua queda. Na segunda, ele já apresenta outra conotação iconográfica mais grotesca e mais elaborada. Lúcifer se põe como um dragão¹⁵ que vem para ser o inimigo de Deus e lutar contra ele para levar o maior número de almas para o inferno, talvez com o objetivo de mostrar para Deus o erro que cometeu ao criar o “homem”. O fato é que ao longo da história nos deparamos com inúmeras formas e nomes dados a mesma entidade, e consideramos isso sempre como verdades pelo simples fato de coisas ruins acontecerem por toda parte.

No imaginário do homem ocidental a imagem de um Diabo feio e monstruoso já está consolidada, pois acreditamos que o “mal” seja assim. Da mesma forma Deus se caracteriza de forma totalmente oposta, sendo um ser de luz e de beleza esplendorosa: branco, loiro, de olhos azuis com barba longa e clara. Por definições históricas estamos condicionados a crer nisso, assim como condicionados a crer que Lúcifer está sentado em seu trono de fogo torturando aqueles que não seguiram os dogmas da Igreja.

¹³ ALMEIDA. Marcos Renato Holtz de. A pedagogia do medo: as diversas faces do mal no cristianismo: Universidade Presbiteriana Mackenzie |CCSA – Centro de Ciências Sociais Aplicadas (Unesp/Araraquara-SP). 2008.

¹⁴ LINK, L. O diabo: a máscara sem rosto. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

¹⁵ ALMEIDA. Marcos Renato Holtz de. A pedagogia do medo: as diversas faces do mal no cristianismo: Universidade Presbiteriana Mackenzie |CCSA – Centro de Ciências Sociais Aplicadas (Unesp/Araraquara-SP). 2008.

Permita-me aqui elocubar a cerca de uma hipótese por mim levantada a partir dos textos aqui trabalhado para a produção deste trabalho, tal hipótese propõe um pouco de conhecimento por parte da população ou uma possível inexistência de um conceito de inferno, antes do século VI, tendo em vista a inexistência de uma figura instituída como Lucifer no imaginário da época, parto do princípio onde o início deste imaginário e descrição do mundo das trevas foi inicialmente trabalhada por Dante Alighieri em a “Divina comédia” o que é claramente uma descrição com fundamentos da mitologia grega.

Ao meu ver, a difusão deste imaginário se propaga assim por todo o mundo cristão, sendo ele em grande parte um modelo de inferno grego, e agora um inferno cristão dominado e governado por Lúcifer. As alegorias e a iconografia proposta por Dante em seu livro torna-se um dos grandes catalizadores para essa propagação da ideia de inferno como vimos hoje. Em acordo com a mudança nas conotações de Lúcifer, seu reino também acaba sobrendo alterações substanciais na mesma proporção da figura do Diabo.

Assim, o homem antigo, medieval e contemporâneo se vê condicionado em seus pensamentos em apenas uma forma de ver determinado “lugar” (o inferno), como uma criança que cresce condicionada a crer que o inferno é quente com um lago de fogo. A partir de suas experiências religiosas (visões e sonhos de revelações), ele verá como foi condicionado a crer que seja o inferno. De outra forma uma criança condicionada a crer que o inferno seja feito de jujubas com algodão doce, e estando assim passiva das mesmas experiências (visões e sonhos de revelações), será de igual forma levada a ter uma visão como foi condicionada. A princípio tal exemplo pode parecer infantil, porem seu entendimento é muito mais profundo e filosófico para o entendimento do imaginário a partir da psiquê, no que tange seus valores de apropriação de um conceito e/ou verdade instituída.

Portanto a verdadeira face de Lúcifer está no imaginário do mundo medieval outrora transportado para os séculos posteriores até chegar em nosso tempo trazendo consigo uma bagagem iconográfica que permite a qualquer um criar e crer em uma imagem angelical ou demoníaca para a mesma entidade, além de trazer ainda sobre si, seus vários nomes e apelidos. Contudo, não importa como ele é mencionado, todos nós sempre o conheceremos como “Diabo”, o adversário de Deus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Marcos Renato Holtz de. A pedagogia do medo: as diversas faces do mal no cristianismo: Universidade Presbiteriana Mackenzie |CCSA – Centro de Ciências Sociais Aplicadas (Unesp/Araraquara-SP). 2008.

BÍBLIA, Português. A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Revisada e Atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

CARVALHO, Leniran Rocha, O Diabo: Artificio do bem na luta contra o mal. ANAIS do III Encontro Estadual de História: Poder, Cultura e Diversidade – ST 06 – Poder, cultura e diversidade na Antiguidade e no Medievo.

FERRAZ, Salma, Os marginais na biblia: Lúcifer e Madalena. Revista Estação Literária. Londrina, Volume 12, p. 143-164, jan. 2014

LINK, Luther. O Diabo: A máscara sem rosto. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MARTINS TERRA, J. E. Existe o Diabo? Respondem os Teólogos. São Paulo: Loyola, 1975. MESSADIÉ, G. História geral do Diabo. Mira-Sintra: Publicações Europa-América, 2001. NOGUEIRA, Carlos Roberto F. O Diabo no imaginário cristão. 2ª Ed. Bauru: EDUSC, 2002.

